

J. BORGES

Coco de Roda
xilogravura
47,5 x 64 cm
1996

JOSÉ Francisco BORGES

(Bezerros, Pernambuco, 1935)

J. Borges é considerado um grande mestre da cultura popular. A educação formal não esteve muito presente na vida do artista que frequentou a escola por apenas 10 meses.

J. Borges já trabalhou na agricultura com o pai, como pedreiro, carpinteiro, pintor de casa, fez cerâmica e tijolo, trabalhou em usina... tudo antes de começar a escrever cordel. Em sua cidade, J. Borges já se aventurou na política, mas não chegou a ser eleito. Aos 20 anos ele começou a fazer cordel, e a falta de estudos não o impediu de ser um dos grandes mestres da literatura do cordel no Brasil. O artista diz: “A leitura é feito um pé de planta, você regando todo dia, você vai ter um pé de planta muito bonito, e se você tem um pé de árvore bonito e você não liga importância, ele vai morrendo, igualmente a leitura, se aprende um pouquinho e vai pegando os detalhes, vai acumulando e vai gravando, vai lendo, vai vendo como é, depois a leitura se torna muito grande”.

E assim, aprendendo sem professor - porque “Cordel não tem professor (...) Cordel é uma coisa que se aprende pelo dom, pelo interesse de ler e gostar, e assim a pessoa vai aprendendo” - J. Borges foi escrevendo e ilustrando cordéis, coisas que ele faz até hoje. Fez muito sucesso desde o começo. No início, as gravuras eram pequenas, do tamanho de um cordel. Aos poucos, é que as pessoas começaram a encomendar e surgiram as imagens grandes e coloridas.

E de onde vem a criatividade para as criações? Vem do cotidiano! Vem da vida! Das festas populares, dos mitos presentes nas histórias locais, do encanto que tem pelas mulheres (essas são os personagens que estão mais presentes em suas obras, e o diabo é o segundo mais usado). Os bichos também aparecem nas histórias como seres fantásticos, assim como os muitos animais que povoam nossas lendas brasileiras.

Bem humorado, J. Borges tem um jeito simples de ver a vida e faz do trabalho um prazer para o seu dia-a-dia. Hoje, os filhos também trabalham em seu ateliê: uma prática comum dos ofícios que se desenvolvem em família. O artista segue como mestre em suas criações, mas as mãos dos descendentes também auxiliam em toda a produção.

Desdobramentos

O trabalho de J. Borges pode levar a pesquisas sobre:

- Literatura de cordel;
- Representação de animais na arte;
- Cultura popular nordestina;
- Técnica de xilogravura.

Referências e fontes para pesquisa*

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “J. Borges”.

No Diário de Pernambuco (<http://www.diariodepernambuco.com.br/>), consultar o título: “Prestes a completar 80 anos, J. Borges abre as portas do ateliê em Bezerros para fazer balanço sobre vida e obra”.

Títulos dos vídeos (disponíveis online):

- “J. Borges – Ateliê do artista”;
- “J. Borges – Série Mestres”;
- “Visita ao Museu da Xilogravura de J. Borges (Bezerros-PE)”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



CÔCO DE RODA

J. BORGES

33/33

7. Borges 96

DALTON PAULA

2º Gemelar

óleo sobre tela

50 x 70 cm

2008

DALTON PAULA

(Distrito Federal, Brasília, 1982)

Em seu site pessoal, o artista (que vive em Goiás desde os 8 anos de idade) se apresenta com um texto a partir do qual revela a sua história com a arte. A biografia deixa de ser “onde nasceu, onde morou, o que estudou” e caminha para um texto de quem está se autoanalisando, reconhecendo o percurso de trabalho, que se mistura com sua história de vida.

Com um trabalho de temática tão densa, é interessante como o artista percebe que sua relação com a arte iniciou-se a partir de um elemento da cultura de massa: Os Cavaleiros do Zodíaco: “Aos catorze anos, eu copiava esses desenhos de herói usando papel-carbono e os coloria com lápis de cor. Hoje, percebo que a qualidade estética desse desenho animado (uma mistura das mitologias grega e nórdica) foi minha porta de entrada para as artes”. Sua história depois segue para o ensino formal, com uma graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás; mas seu início nos faz perceber o potencial de formação que a cultura de massa, por vezes discriminada, pode ter. (Uma curiosidade sobre o percurso profissional de Dalton Paula: é que em paralelo à carreira artística, ele trabalha como bombeiro).

Sua poética está intrincada à sua história de vida: Paula trata do corpo do negro, do seu corpo, dos muitos corpos negros, do “corpo silenciado pelo medo, pela insegurança, pela individualidade e pela enfermidade”. E como tratar do corpo do negro e não se referir à nossa história – brasileira – de escravização de tantas pessoas? A religiosidade também está fortemente presente em sua produção. Sobre a congada, Paula diz que “mitos são revividos, ressignificados; onde pessoas comuns se tornam reis e rainhas de Congo”. Assim também percebemos suas obras, que simbolizam tantos corpos a partir de um único.

Silêncio, narrativa, memória, caminhos... Essas são algumas palavras que surgem em seu texto de apresentação.

Desdobramentos

O trabalho de Dalton Paula pode levar a pesquisas sobre:

- Cultura afro-brasileira;
- Como o negro é retratado em obras de arte;
- Relações entre arte naif e arte contemporânea.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <https://daltonpaula.com>

Outras páginas para pesquisa:

- <http://daltonpaula.blogspot.com.br>
- <http://www.32bienal.org.br>
- <http://www.museuafrobrasil.org.br>

No portal do Estadão (<http://www.estadao.com.br/>), consultar o título: “Artista Dalton Paula é premiado na SP-Arte e escaldo para a 32ª Bienal”.

No Nexo Jornal (<https://www.nexojornal.com.br/>), consultar o título: “Dalton Paula e a arte de criar territórios negros e silenciosos”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



DESCARTES GADELHA

Coruja na Paisagem
(da série “De um
alguém para outro
alguém”)
óleo sobre eucatex
73 x 60 cm
1990

DESCARTES Marques GADELHA

(Fortaleza, Ceará, 1943)

Expressividade! Essa é uma das palavras que melhor representam o trabalho de Descartes. Para alguns sua obra é considerada expressionista. Para o artista, esse “enquadramento” de sua produção não é necessário. Diz ele: “Eu não sou expressionista, não sou cubista. Sou Descartiano. Eu faço aquilo que eu tenho absoluta vontade, necessidade. E se não fizer, eu sou capaz de morrer”.

O fato é que os personagens pintados por Descartes possuem uma expressão intensa, fruto da vida que ali está retratada. Ele escolheu como temática para sua produção o cotidiano de quem leva uma vida difícil no nordeste do Brasil, região de sua cidade natal, Fortaleza. De onde vem essa “inspiração”? Da leitura impressionada de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, quando ainda era criança. “Papai, não quero esse livro não (...) porque não tem retrato”, e a resposta provocativa de seu pai o faria seguir na carreira de artista: “Então desenhe os retratos. Leia e Desenhe!”. Assim surgiu o “desenhador”, como era conhecido na infância o menino que começou cedo no mundo das artes (com cerca de 20 anos de idade) e logo se tornou um artista completo: desenhista, pintor, escultor e músico.

Mas, é importante lembrar que também foi a experiência de vida que o tornou sensível às dificuldades vividas por pobres, prostitutas, catadores... Descartes morou no bairro do Curral, em Fortaleza, que ficava perto de uma região de prostituição. Por estar tão próximo dessa realidade, decidiu registrar o que via. Assim também aconteceu com os catadores, que passaram a ser retratados após o período em que Descartes morou próximo ao lixão. Podemos considerar que empatia é um exercício presente na vida do artista.

Desdobramentos

O trabalho de Descartes Gadelha pode levar a pesquisas sobre:

- Os Sertões, de Euclides da Cunha;
- Expressionismo - Retratos de classes sociais.

Referências e fontes para pesquisa*

Blog do artista: <http://descarteshgadelha.blogspot.com.br>

Na página da Universidade Federal do Ceará (<http://ufc.br/>), consultar o título: “Descartes Gadelha é Doutor Honoris Causa ‘pela grandeza da obra e espírito cidadão’”.

No portal do O Povo (<http://www.opovo.com.br/>), consultar o título: “Descartes Gadelha doutor honoris causa pela UFC”.

Na página OBVIOUS (<http://obviousmag.org/>), consultar o título: “As almas esquecidas de Descartes Gadelha”.

Título de vídeo (disponível online):

- “Bate-papo com Descartes Gadelha, por Letícia Amaral repórter”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



JOÃO CÂMARA

*A Negra do Sabão
Marrom*

Óleo sobre tela
240 x 180 cm
1988

JOÃO CÂMARA Filho

(João Pessoa, Paraíba, 1944)

Ficção, imaginação, figuração. O que vem da realidade? O que vem da criação? Nas pinturas de João Câmara, a narrativa trata de fundir todos esses elementos. Os corpos por ele representados vão além do retrato, são cenas construídas, que contam histórias, ora políticas, ora sociais. Segundo o próprio João Câmara, todo seu trabalho se baseia na associação de imagens, e, assim, criam um discurso. É uma confabulação e uma criação de histórias por meio de imagens: “Não é um texto ilustrado, pelo contrário é uma ilustração que tem um texto. Se se pode falar um quadro, não precisa pintá-lo”.

A pintura é a essência de seu trabalho, mas ele é mais que pintor, é também gravador, desenhista, artista gráfico, professor universitário e crítico. O curioso é que sua formação acadêmica foi outra: João Câmara, que cogitou estudar medicina, formou-se psicólogo, embora nunca tenha exercido a carreira. Ele começou seus estudos em artes no curso livre de pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco, antes mesmo de completar 20 anos de idade. Também muito jovem se envolveu com organizações de artistas, como a Sociedade de Arte Moderna do Recife. Além da produção de arte, João Câmara também é crítico de arte e professor universitário.

No início de sua carreira, seu maior gosto era pintar paisagens pernambucanas. Mas esse registro nada tem a ver com uma pintura romântica do local, de lindas vistas. Trata-se do seu olhar em particular, de uma leitura de quem mora, vive e conhece bem o que pode (ou quer) ser revelado, sempre em conjunto com um tom ficcional.

Outras pinturas têm temas políticos e tom de crítica. De certa forma, a partir de suas imagens podemos conhecer um pouco da história do nosso país. A figura da mulher também é uma temática recorrente em sua produção, especialmente os limites da sensualidade do corpo feminino.

Com uma produção que se iniciou há décadas, João Câmara acompanhou o desenvolvimento tecnológico. Sua produção, hoje em dia, é feita também pelo computador, usando colagens para criar ilustrações manipuladas graficamente.

Desdobramentos

O trabalho de João Câmara pode levar a pesquisa sobre:

- Técnicas de pintura;
- Representações da mulher na arte;
- Novas tecnologias nas artes.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <https://www.joaocamara.com>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “João Câmara”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



JOSÉ BEZERRA

Homens Sertanejos
Escultura em madeira
117 X 115 X 40 cm
2008

JOSÉ BEZERRA

(Buíque, Pernambuco, 1952)

Escultura: essa é a linguagem trabalhada por José Bezerra, que surge em troncos e raízes que ele encontra no mato, no sertão de Pernambuco, onde vive. “Vejo a madeira e ela me diz o que fazer”, assim explica o artista, que caminha pela mata e revela as formas que a própria natureza criou, mas que cabe a ele, enxergar e potencializar.

Além de pessoas e objetos, as formas que mais esculpe são de animais. E ele dá uma explicação quase mística para essa escolha: por muitos anos, ele depredou a natureza e matou animais para comer, e hoje os mesmos animais voltam a ele como inspiração. Tatus, corujas, tamanduás, vários tipos de aves e tantos outros animais da região - esses são os mais entalhados pelo artista, que se emociona ao contar do sonho no qual uma figura que disse a ele: “você é um artista e tem que viver dos troncos”. Desde 2002, ele cria arte a partir do que vê, mas ainda se considera um iniciante: “10 anos de trabalho e eu acho que to começando. Ninguém nasce aprendido e nem esse trabalho ninguém ensina pra ninguém. Nosso trabalho aqui vem da inspiração”. [...] “Aqui é uma imaginação”.

José Bezerra mora num sítio muito simples no Vale do Catimbau, interior de Pernambuco, região muito seca e quente, com árvores sinuosas que são sua matéria-prima. Em sua vida, já teve muitos ofícios, incluindo o trabalho na agricultura, que fez por muitos anos com o seu pai. Ele também é poeta e músico, e o trabalho como escultor ele realiza juntamente com sua família, comercializando as obras ali mesmo, para os visitantes. Não faz trabalhos por encomenda, porque ele usa sua experiência para perceber as formas que já existem na natureza. Como diz o artista: “O detalhe é meu”.

Desdobramentos

O trabalho de José Bezerra pode levar a pesquisas sobre:

- Escultores na cultura popular;
- Linguagem da escultura em madeira;
- Artistas que trabalham a partir de formas retiradas da natureza, como Frans Krajcberg.

Referências e fontes para pesquisa*

Página da galeria que representa o artista: <http://www.galeriaestacao.com.br>

Outras páginas para pesquisa:

- <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br>
- <http://ongartebrasil.blogspot.com.br>

Título de vídeo (disponível online):

- “Documentário – José Bezerra”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



TATIANA BLASS

Páreo #2

Granito esculpido

85 x 50 x 130 cm

2006/10

TATIANA da Silva BLASS

(São Paulo, São Paulo, 1979)

“Se é fácil de explicar, talvez esteja com algum problema. Acho que quanto mais difícil de explicar, melhor é o trabalho”. Assim já diria Tatiana Blass, artista paulista, formada em Artes Visuais pela Unesp. O que dizer então sobre a obra *Páreo#2*? Ela segue na mesma lógica de outros trabalhos: apresenta-nos o que não está presente, explora a relação do real com o imaginário.

A história da artista com a arte não tem data de início. A arte esteve esteve presente em sua vida desde que se lembra, já na sua infância, tendo sido um impulso de criação natural para ela, como um percurso orgânico. Muito jovem, Tatiana já produzia pinturas que vão do abstrato para o figurativo, até o momento em que se tornam insuficientes e ganham o ambiente. A tinta da tela “derrete” no ambiente, parte dos objetos e ganha o espaço. Da experiência com um material tão tradicional da escultura, o bronze, surge a ideia de se trabalhar com a cera, material versátil que muda de estado facilmente.

Novas linguagens passam a integrar a sua produção, já que “Tudo o que não cabe em nenhum outro lugar é o que cabe nas artes visuais. É esse lugar que aguenta tudo.” As fronteiras em seu trabalho, como em tantos outros na arte contemporânea, ficam diluídas; e escultura, performance, teatro, música e instalação se integram e dialogam profundamente.

A literatura é também um capítulo importante de sua trajetória. Tatiana também sonhava em ser escritora, escreveu poemas e, de diferentes formas, insere elementos literários em suas vídeo-performances.

Com essa variedade de linguagens, além de muito trabalho e pesquisa, Tatiana conta sempre com a “expertise” de parceiros: serralheiros, marceneiros, marmoristas, videomakers e tantos outros. Isso nos leva a pensar o quanto a integração entre profissionais pode influenciar ou acrescentar o trabalho de um artista. Se pensarmos nas produções tracionais, nas quais o “fazer” era visto como “obra de arte em si”, entendemos que na arte contemporânea o artista rege uma orquestra de afazeres e organiza a materialização de seus pensamentos pelas mãos de muitos profissionais.

Desdobramentos

O trabalho de Tatiana Blass pode levar a pesquisas sobre:

- Vídeoarte;
- Obras que relacionem artes visuais com teatro ou literatura;
- O fazer artístico na contemporaneidade.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial da artista: <http://www.tatianablass.com.br>

Outra página para pesquisa:

<http://www.premiopipa.com/pag/artistas/tatiana-blass>

No portal da Universidade Federal de Pelotas (<http://portal.ufpel.edu.br/>), consultar o título: “Cortes e recortes em Tatiana Blass, referências e interlocuções”.

Na página OBVIOUS (<http://obviousmag.org/>), consultar o título: “Tatiana Blass – A construção das cores (ou A teoria das horas)”.

Títulos dos vídeos (disponíveis online):

- “30 anos de Videobrasil: Tatiana Blass”;
- “Tatiana Blass e Albano Afonso - Trajetória de Artista - Programa Experiência (2012)”;
- “Tatiana Blass, nominated artist – PIPA 2010”;
- “Tatiana Blass – Revista Celeuma #3”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



VÂNIA MIGNONE

Sem título

Acrílica sobre MDF

140 x 1400 cm

2010

(Obra completa e
detalhe ampliado)

VÂNIA Célia MIGNONE Gordo

(Campinas, São Paulo, 1967)

Pintura é a linguagem “oficial” dos trabalhos de Vânia Mignone, mas quais outras técnicas estão direta ou indiretamente presentes? Gravura, pintura, cinema, desenho, história em quadrinhos, cartaz, colagem... Tem de tudo um pouco em suas obras.

Com pinturas figurativas, ela usa personagens, objetos e cenários ordinários para contar um ponto de vista, uma narrativa. A história não está dada, mas aparece como um indício, um enquadramento de algo que está acontecendo: a narrativa se completa no pensamento do espectador. Quem são essas pessoas? Porque estão retratadas assim? A artista responde: “Porque é assim que eu sei fazer e é assim que eu gosto do resultado”. Simples e direto, assim como o resultado plástico de seu trabalho.

Cores intensas, formas diretas e um jeito rústico e cru de pintar, resultam em trabalhos que lembram xilogravura. E não é a toa: Vânia Mignone veio dessa escola e, da experiência como gravadora, ela trouxe o uso do preto - sempre tão marcante – de cores fortes, dos rasgos de goiva na madeira.

A pintura e vai ganhando vida aos poucos. Sem esboços, as ideias saem da cabeça diretamente para o suporte, que pode se transformar ao longo do processo: muitas vezes, a artista inicia com um tamanho de suporte e ele vai se ampliando, como se a pintura “pedisse” uma maior dimensão. A história do suporte também é do interesse de Vânia Mignone, que não se limita a papéis branquinhos esperando por um traço. O trabalho dela é feito sobre madeira e papéis que já trazem marcas. As texturas e as cores que já existiam somam-se às suas pinceladas.

E as palavras, como surgem nas pinturas? Para a artista, elas são componentes de comunicação. “Elas não são títulos de trabalho, não são nome do trabalho, elas entram como mais um elemento da pintura. Não são poesia concreta, se influenciam da poesia concreta, não são textos de outdoor, mas se influenciam deles”. E, nessa composição de palavras, figuras, cores, pessoas e lugares, Vânia Mignone vai nos alimentando a nossa imaginação para que possamos construir as nossas próprias narrativas imaginárias.

Desdobramentos

O trabalho de Vânia Mignone pode levar a pesquisas sobre:

- Artistas que produziram com as artes gráficas, como Toulouse Lautrec, Barbara Kruger e Cláudio Tozzi, entre outros;
- Obras que trabalham com narrativa;
- Pintura.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial da artista: <https://www.vaniamignone.com>

Outras páginas para pesquisa:

- <http://www.mac.usp.br/mac>
- <http://www.premiopipa.com/pag/vania-mignone>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Vânia Mignone”.

Títulos dos vídeos (disponíveis online):

- “Vânia Mignone explica técnicas usadas na pintura de suas obras”;
- “Vania Mignone fala sobre sua exposição na galeria Mercedes Viegas, RJ”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



JOSÉ PATRÍCIO

*Progressão Cromática
Crescente e Progressão
Cromática Decrescente*
Placas de acrílico sobre
madeira

350 x 700 cm

2011

JOSÉ PATRÍCIO Bezerra Sobrinho

(Recife, Pernambuco, 1960)

Micro e macro. Parte e todo. Longe e perto. Muitas são as dicotomias que encontramos no trabalho de José Patrício. O que vemos de longe nos engana, confunde o olhar, ilude o cérebro. De perto, um mundo se abre, e as muitas camadas de cores que víamos ao longe, se transformam em botões, peças de dominó, pregos e outros pequenos objetos do cotidiano.

José Patrício “põe ordem na casa”, tudo ao seu lugar para assim fazer grandes composições modulares. Mas as combinações contam também com algo de inesperado e com isso faz com que suas obras tenham um rigor quase matemático, mas, ao mesmo tempo, lidem com algum imprevisto.

José Patrício frequentou o curso livre da Escolinha de Arte de Pernambuco de 1976 a 1980, local que é uma referência para quem estuda a trajetória da arte/educação no Brasil. Sua formação acadêmica é em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Pernambuco (1982). Mas seus estudos seguem o campo das artes visuais tanto dentro quanto fora do Brasil.

Desde a organização de papéis por ele mesmo produzidos, até o uso de pequenos objetos, José Patrício “organiza” os materiais a fim de distribuir os elementos no espaço e, assim, gerar obras que lidam com a possibilidade de expansão. Num primeiro momento, é fácil olhar para seu trabalho e nos lembrarmos da produção de Arthur Bispo do Rosário, com suas obras de acumulação e seus botões. Também pode se assemelhar à lógica formal dos artistas concretos de meados do século XX. Mas as produções de Patrício vão além: ao acumular compulsivamente os objetos, ele cria limites ao que pode, na verdade, ser infinito.

Desdobramentos

O trabalho de José Patrício pode levar a pesquisas sobre:

- Arthur Bispo do Rosário;
- Limites entre arte e jogo;
- Arte e ilusão.

Referências e fontes para pesquisa*

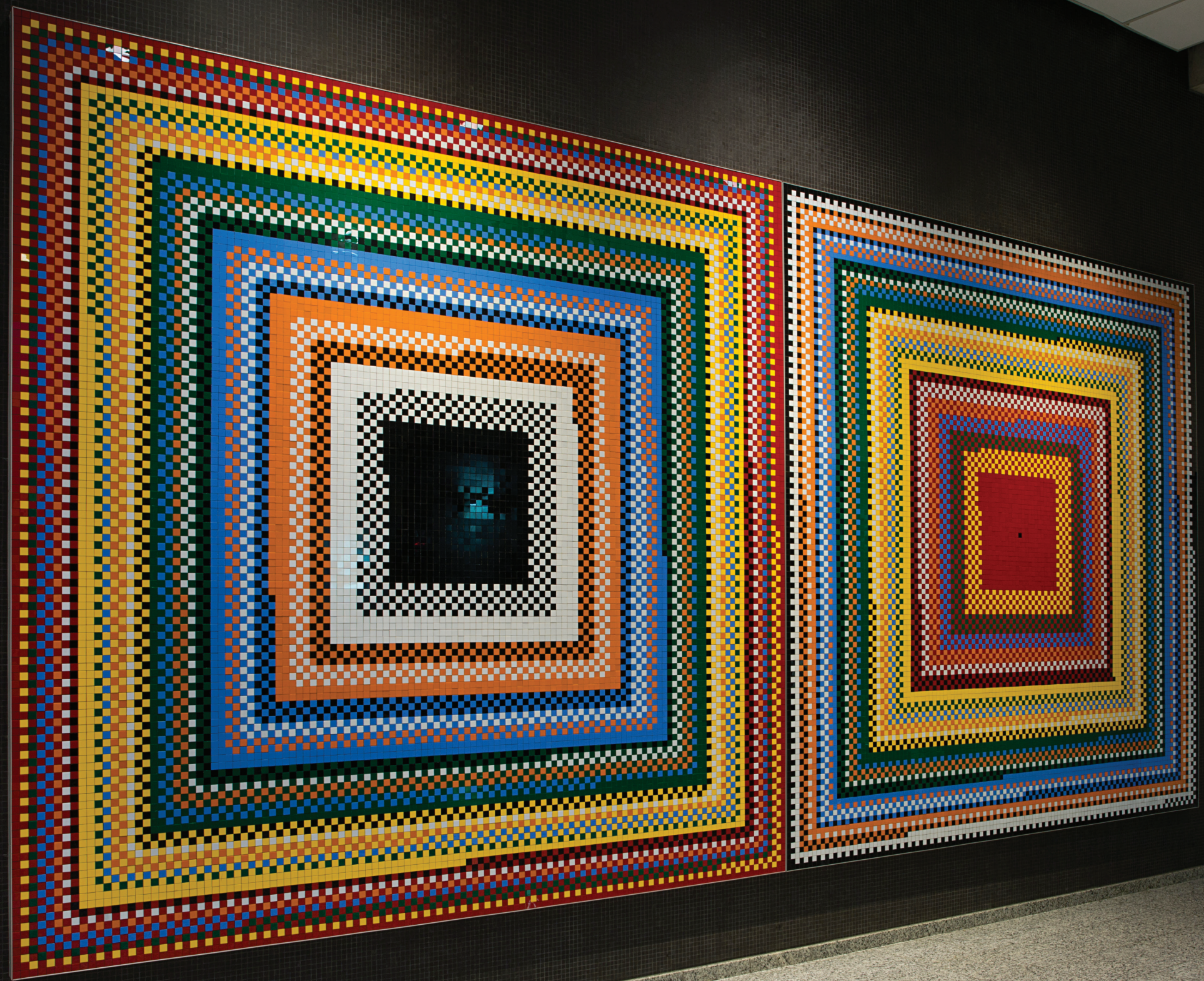
Página da galeria que representa o artista: <https://nararoesler.art>

Outra página para pesquisa:

- <http://www.rioecultura.com.br>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “José Patrício”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



NUNO RAMOS

8 Batutas (Trombone de Vara e Pedal de Bateria)

Pedra sabão e

instrumento musical

80 x 160 x 100 cm e 70

x 50 x 100 cm

2011

NUNO RAMOS

(São Paulo, São Paulo, 1960)

Nuno Ramos é um “experimentador”: experimenta, pesquisa, tenta, arrisca e inova muito. Ao conhecermos sua trajetória até a profissão de artista plástico, já notamos essas características. Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), teve dúvidas para saber bem o que queria ser. Talvez, por isso mesmo, faz de tudo um pouco e pensou fazer muitas coisas ligadas à arte antes de optar especificamente pela carreira de artista plástico.

“Meu lugar é o lugar do erro”. Talvez por perceber-se no lugar do erro, Nuno consegue se arriscar mesmo em linguagens que domina menos. Não se diz um “cineasta”, mas dirige filmes, não se diz “compositor”, mas compõe músicas. Ele faz vídeos, pinta, escreve, desenha e projeta. Resumindo: ele cria.

Mesmo sem ter qualquer conhecimento prévio em linguagens mais tradicionais da arte, como desenho ou uma pintura acadêmica, iniciou seu percurso como pintor em 1982. Seguiu com essa linguagem por um tempo, juntamente com outros artistas no ateliê Casa 7. Mas logo suas pinturas foram ganhando dimensão e extrapolaram o formato do suporte. Num aglomerado de materiais e objetos escolhidos cuidadosamente (ele não reutiliza materiais), as pinturas vão rompendo a bidimensionalidade. Surgem instalações, obras monumentais, algumas em meio a natureza, sempre com materiais dos mais diversos - uma pesquisa constante para achar a melhor maneira de materializar uma ideia em forma não convencional. Barcos feitos com areia prensada, blocos gigantes que saem da terra, chuva dentro de um prédio, obras feitas com cal, breu, vaselina, fumaça, carvão e até animais. Há versatilidade em suas produções, e cada uma delas é um novo aprendizado para Nuno, que se arrisca e diz que não há nada que crie que não possa ser concretizado, ainda que possa levar algum tempo.

De sua numerosa produção, merecem destaque: a obra intitulada 111, por seu caráter político (ela tem como tema o massacre do Presídio do Carandiru, em São Paulo, ocorrido em 1992); a obra Bandeira Branca, por sua polêmica ao usar animais (urubus); o Globo da Morte de Tudo (2012) pela grandiosidade na montagem.

Desdobramentos

O trabalho de Nuno Ramos pode levar a pesquisas sobre:

- Arte brasileira nos anos 1980;
- Artistas que exploram a materialidade e o conceito, como Karin Lambrecht e Joseph Beuys;
- O massacre do Carandiru, em São Paulo, e as manifestações que dele repercutiram.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <http://www.nunoramos.com.br>

Outra página para pesquisa:

<https://www.escriitoriodearte.com/artista/nuno-ramos>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Nuno Ramos”.

No portal de O Globo (<https://www.oglobo.globo.com>), consultar o título: “Mostra apresenta um novo Nuno Ramos”.

Título de vídeo (disponíveis online):

- “Nuno Ramos – 01/01/2012” (Roda Viva).

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



EFRAIN ALMEIDA

Sem título

Instalação escultórica em
madeira umburana sobre
parede

Medidas variáveis
2011

EFRAIN ALMEIDA De Melo

(Boa viagem, Ceará, 1964)

Arte contemporânea ou arte popular? Os dois conceitos, o contemporâneo e o popular fundem-se na poética de Efrain Almeida, pois sua vertente de trabalho vem de sua infância no interior do Ceará.

O artista viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, tendo estudado artes na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Mas a sua vivência de pouco mais de 10 anos, durante a infância, na região Nordeste do país, fez com que a religiosidade reverberasse em suas produções. No catolicismo, e em seus grandes santuários e locais de devoção, é comum a presença de ex-votos (objetos, esculturas, pinturas ou outros tipos de representação de um milagre alcançado) oferecidos ao santo milagreiro. Muitas graças associadas à cura são representadas pelo devoto com uma escultura da parte do corpo que foi curada, e essa pode ser feita em cera, madeira ou barro. É justamente esse tipo de manifestação popular que Efrain Almeida revisita. Em seu trabalho, as esculturas em madeira vão além do caráter devocional e ganham ares de arte contemporânea ao vermos peças transformadas em autorretratos e relações entre o trabalho e o espaço serem criadas.

Além das esculturas relacionadas ao corpo humano, o artista, que também faz desenhos, porcelanas e aquarelas, tem explorado a representação de animais presentes em sua memória. O tema se transforma, mas o caráter autobiográfico permanece. Passado, história, memória, presente, tudo se entrecruza já que, segundo ele “o artista tem a liberdade de contar a história na maneira dele e de modificar algumas coisas”.

Desdobramentos

O trabalho de Efrain Almeida pode levar a pesquisas sobre:

- Ex-votos na cultura popular;
- Artistas que também exploram os ex-votos em produções contemporâneas, como Farnese de Andrade;
- O religioso nas artes.

Referências e fontes para pesquisa*

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Efrain Almeida”.

Outra página para pesquisa:

<http://cobogo.com.br/livros/efrain-almeida-2/#trecho>

No portal de O Diário do Nordeste (<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br>), consultar o título: “Um voo íntimo pelo olhar”.

Título de vídeo (disponíveis online):

- “Efrain Almeida – Primeira Pessoa”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



PAZÉ

Negro e Marrons
Instalação - tríptico
240 x 33 x 100 cm
(cada módulo)
2003

Paulo José Keffer F. Netto [PAZÉ]

(São Paulo, São Paulo, 1962)

Pazé, como é conhecido, formou-se em artes plásticas na FAAP/SP em 1999.

Em um de seus trabalhos mais conhecidos, chamado *Transeunte*, Pazé cria um boneco de resina com sua aparência e faz intervenções urbanas na cidade de São Paulo, “expondo” o boneco em situações cotidianas (como em um metrô) ou em locais inusitados, como no alto de um prédio. Pazé é paraplégico, no entanto, o artista não tem a deficiência como mote de seu trabalho, que segue especialmente nas áreas da escultura e da instalação.

Nas obras que integram a série “Canudos”, Pazé faz uso de um material simples (canudos) para criar uma ilusão de matéria densa. Os canudos são seriados e ficam dentro de uma caixa de acrílico, alinhados lateralmente, mas desalinhados na profundidade, e assim criam uma percepção de massa densa quando observados de longe. Numa observação muito rápida, pode remeter a rochas ou a minérios, dependendo da cor predominante na área, e só quando observados atentamente, de perto, que é possível constatar que os materiais, na verdade, são leves e de uso cotidiano.

Desdobramentos

O trabalho de Pazé pode levar a pesquisas sobre:

- Artistas que fizeram uso de materiais de uso cotidiano para suas produções, como Nelson Leirner;
- Intervenções urbanas realizadas no centro de São Paulo.

Referências e fontes para pesquisa*

No portal de A Folha de São Paulo (<http://www.folha.uol.com.br>), consultar o título: “Trabalhos de Pazé investigam a violência”.

Outras páginas para pesquisa:

<http://www.raulmendesilva.com.br/brasilarte/mobile/nacional/paze.htm#fotos>

<http://mapa.pacodasartes.org.br/page>

Na página Rede do Saber (<http://www.rededosaber.sp.gov.br>), consultar o título: “Entrevista com o artista plástico Pazé, criador da série Transeunte”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



SÉRGIO SISTER

Caixas
Óleo sobre madeira
dimensões variáveis
2009 / 2014

SÉRGIO SISTER

(São Paulo, São Paulo, 1948)

Volume, profundidade, densidade, tridimensionalidade. Palavras usuais para descrever esculturas devem ser usadas na análise das pinturas de Sérgio Sister. Isso porque o artista trabalha com a tinta de tal forma que suscita tudo isso em seu público. Sister pinta desde a década de 1960, mas considera que sua maturidade artística veio somente a partir da década de 1980.

Sua pintura é abstrata, mas segundo ele o seu trabalho “não opera muito com a subjetividade”, pois esforça-se para permanecer distante e poder, assim, explorar questões da materialidade com muita consciência e propriedade. Não é um “pintor de gestos heroicos”, porque sua criação é sofrida, é atenta, é uma pesquisa.

Sérgio Sister estudou pintura na FAAP, mas sua graduação foi em Ciências Sociais, com pós em Ciências Políticas. Envolvido com causas políticas, acabou preso por 19 meses na década de 1970. Além de pintor, é também desenhista, jornalista e ilustrador.

Sua pintura trabalha intensamente com a luz: para explorar seus efeitos, o artista faz uso de camadas de texturas e cores, dentre as quais as metálicas. Para ele, “O contato com o mundo externo é a luz que incide e que muda e ajuda a transformar a pintura. A pintura não é estável, é uma cor que muda com o que vem de fora”. E assim ele segue, tendo partido de suportes convencionais como a tela, e chegando a suportes inovadores, como pinturas em ripas, caixas, e ponteletes. Em suas muitas pinturas sobre caixotes de feira, feitos de madeira, ele soma os efeitos das fendas, da parede e das sombras às cores e tintas, tudo em uma composição que resulta em um trabalho simples em relação à execução, mas, ao mesmo tempo, complexo em relação ao conceito.

Desdobramentos

O trabalho de Sérgio Sister pode levar a pesquisas sobre:

- Pintura. Pintores que exploram de forma diferenciada características dessa linguagem, como a materialidade e a expressividade. Rodrigo Andrade e Adriana Varejão são exemplos de artistas brasileiros que exploram a pintura para além do tradicional.

Referências e fontes para pesquisa*

Página da galeria que representa o artista: <https://nararoesler.art>

Outra página para pesquisa:
<https://carbonogaleria.com.br/obra/tijolinhos-4-69>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Sérgio Sister”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



FABRÍCIO LOPEZ

Sem título –
Matriz de xilogravura
Escultura em madeira
180 x 320 cm
2010

Sem título –
Xilogravura
Papel Kozo
180 x 320 cm
2010

FABRÍCIO LOPEZ

(Santos, São Paulo, 1977)

As gravuras de Fabricio Lopez impressionam por suas grandes dimensões. Em um trabalho gestual intenso, o artista faz obras enormes numa linguagem que também é muito braçal, a xilogravura. Essa grandiosidade gera obras em que não são os pequenos detalhes que fazem a diferença, mas, sim, a magnitude, o bruto e o visceral.

Antes de iniciar sua produção, Fabrício Lopez já se impressionava por gravuras de grandes formatos (desde quando conheceu os trabalhos de Ernesto Bonato, por quem foi influenciado).

Sua formação é em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA), onde também fez mestrado, sob orientação do grande gravador Claudio Mubarac. No entanto, na prática, foi por meio do trabalho coletivo desenvolvido no Ateliê Espaço Coringa que o artista amadureceu sua poética. Entre 1998 e 2009, integrando o ateliê, os artistas produziam a muitas mãos.

No trabalho de Fabricio Lopez, matriz e impressão têm a mesma importância e ambas são expostas como obras independentes, e o resultado que fica em cada uma delas é muito distinto. Nas matrizes, é possível perceber o gestual, toda a relação do artista com a matéria bruta (vale a pena ver o vídeo do artista produzindo que está indicado na bibliografia) e os aspectos físicos do material que tanto interferem na ação do artista – o tipo de madeira utilizada faz muita diferença no resultado final, já que o artista cria a partir dos veios da madeira. Já as impressões tornam-se colagens, com muitas cores e sobreposições.

Nascido em Santos, região litorânea de São Paulo, onde fica seu ateliê, a temática ligada ao porto, ao mar, aos barcos e às vegetações típicas dessa região são comuns em suas xilogravuras.

Desdobramentos

O trabalho de Fabricio Lopez pode levar a pesquisas sobre:

- Xilogravura. Exercícios práticos da técnica, entender as particularidades de gravar uma imagem em uma superfície de madeira

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial da artista: <http://www.fabriciolopez.com.com.br>

Página da galeria que representa o artista: <http://galeriamariliarazuk.com.br>

Outra página para pesquisa:

<http://www.premiopipa.com/pag/artistas/fabricio-lopez>

No portal do Estadão (<http://www.estadao.com.br/>), consultar o título: “Fabrício Lopez faz espécie de colagem de imagens em suas novas gravuras”.

Título de vídeo (disponíveis online):

- “A Concha Eloquente do Coração - Fabricio Lopez (som direto)”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



GERALDO DE BARROS

Sem Título

Desenho com nanquim
sobre negativo perfurado
55 x 44 cm
1948

GERALDO DE BARROS

(Chavantes, São Paulo, 1923 | São Paulo, São Paulo, 1998)

Geraldo de Barros (Chavantes, São Paulo, 1923 - São Paulo, São Paulo, 1998) foi fotógrafo, pintor, gravador, artista gráfico, designer de móveis e desenhista; ou seja, foi um artista nato, inquieto em descobrir e inovar. Suas pesquisas em diferentes linguagens muitas vezes se deram em paralelo, como acontece com a pintura, que inicia em 1945, e a fotografia, em 1946; até o momento em que, inevitavelmente, ele funde as muitas pesquisas. Em Fotoformas, por exemplo, um marco em sua produção, gravura, fotografia e desenho se integram gerando fotografias abstratas (foi pioneiro nesse estilo no Brasil).

Muito articulado, foram muitos os grupos, ateliês e empresas que frequentou. Fundou o Grupo 15, em 1947, com 15 pintores; frequentou o Foto Cine Clube em 1946, onde trabalhou com Thomas Farkas e German Lorka; organizou um grupo de pesquisa no laboratório fotográfico do MASP em 1949; integrou o Grupo Ruptura na década de 1950, que produzia arte concreta em São Paulo; fundou, em 1957, a Form-Inform (pela qual desenvolveu marcas e logotipos, com Alexandre Wollner), a cooperativa de móveis Unilabor e posteriormente a Móveis Hobjeto, todas voltadas para a produção de design; participou do Grupo Rex, realizando os primeiros happenings em São Paulo, em 1966.

Como fotógrafo, é importante destacarmos as experimentações que o artista fez ao manipular, colar e montar imagens. Numa época em que a fotografia ainda buscava se afirmar como arte do mesmo nível que a pintura, e quando muito se discutia sobre a necessidade dos fotógrafos produzirem com os recursos que a linguagem oferecia (luz, enquadramento, entre outros elementos), Geraldo de Barros mostrou-se contrário a esse purismo e não teve limites na exploração e integração de linguagens. No final de sua vida, com a série Sobras, ele revisitou essas técnicas para trabalhar imagens de seu arquivo pessoal.

Na pintura, Geraldo passou por uma fase expressionista, depois trabalhou com o grupo dos concretistas, ou seja, elaborou pinturas em que o foco foram as questões formais da obra. E, por fim, chegou à pop-art, com o grupo Rex, fase em que se apropriou de fotografias e cartazes impressos para fazer uma pintura com cores marcantes e formas intensas que valorizam o contraste.

No cenário do design de móveis no Brasil, a contribuição incluiu uma questão social bastante importante: Geraldo acreditava que a arte devia ser feita para o público, com qualidade e preço acessível. Assim, fundou cooperativa Unilabor, que funcionou de 1954 a 1967, e empregava operários que tinham participação nos lucros e recebiam aulas de arte e design, o que revela sua concepção socialista. Em sua indústria, a Móveis Hobjeto, que teve grande sucesso na época, ele seguiu a concepção de móveis industriais, acessíveis e com qualidade estética.

Desdobramentos

O trabalho de Geraldo de Barros pode levar a pesquisas sobre:

- Relações entre arte e design, seja gráfico ou de mobiliário;
- Experimentações em técnicas fotográficas artesanais.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <<http://www.geraldodebarros.com>

Outra página para pesquisa:

<http://dpot.com.br/geraldo-de-barros.html>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: "Geraldo de Barros".

Títulos de vídeos (disponíveis online):

- "Geraldo de Barros e a fotografia";
- "Exposição 'Geraldo de Barros e a fotografia'".

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



MARCELO BUAINAIN

Roda – Praia de Puri

Fotografia

40 x 70 cm

1990

MARCELO BUAINAIN

(Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 1962)

Buainain, quase formado médico, resolveu largar tudo para fazer fotografia. Essa é uma parte da trajetória do artista que, antes mesmo de iniciar o curso na área médica, já se encantava pela linguagem fotográfica.

Iniciou a carreira fotografando o Pantanal, dependendo do uso de grandes equipamentos. Depois, trabalhou como fotojornalista, documentando com equipamentos mais leves, que possibilitavam maior agilidade e deixavam os retratados menos intimidados. Com imagens em preto e branco e um apuro estético na captação da luz, seu trabalho passou a ser relacionado ao de Henri Cartier-Bresson, por quem foi muito influenciado (assim como foram muitos fotógrafos de sua geração).

Nos ensaios que realizou na Índia, conseguiu fazer imagens de rituais que iam muito além do registro, conseguindo representar a religiosidade com sutileza. Aliás, seu trabalho na Índia, fruto de diversas viagens ao local, foi um capítulo a parte em sua história profissional - e também pessoal, por ter sido uma intensa experiência de espiritualidade.

Além dos trabalho de “fotografia de rua” (*street photography*), fez muitos retratos também, incluindo os de muitas celebridades, como Chico Buarque e José Saramago.

Marcelo Buainain também é documentarista: ele considera que grande parte de sua obra são imagens documentais e já dirigiu alguns documentários. “Para mim, a fotografia é uma ferramenta de externar como eu vejo o mundo, externar minhas ideologias e também de poder estar comigo mesmo”.

Desdobramentos

O trabalho de Marcelo Buainain pode levar a pesquisas sobre:

- Fotógrafos que registraram a religiosidade, como Mario Cravo Net;
- O trabalho de Henri Cartier-Bresson;
- “Fotografia de rua” (*Street photography*)

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <http://www.buainain.com>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Marcelo Buainain”.

Título de vídeo (disponíveis online):

- “Olhar Indiscreto - Junho/2015 - Marcelo Buainain”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



GISELA MOTTA E LEANDRO LIMA

*Do Not (#19, #20,
#21, #22, #23, #24)*

Backlight de matriz
de led

24 x 24 cm (cada módulo)
2011

GISELA De Luca Nogueira Da MOTTA

(São Paulo, São Paulo, 1976)

LEANDRO LIMA

(São Paulo, São Paulo, 1976)

Gisela Motta e Leandro Lima são parceiros no trabalho e na vida pessoal. Estudaram Artes Plásticas na FAAP de 1996 a 1999 e, desde então, desenvolvem obras juntos.

A poética da dupla segue por muitas linguagens, sempre associadas à pesquisa sobre arte e tecnologia.

Iniciaram suas produções com vídeos e os entendem como instalação, performance e fotografia. O vídeo é uma linguagem de arte e não um registro de uma ação. A cena gravada não é uma ação teatral ou cinematográfica (embora possa ser), mas, muitas vezes, é uma ação conceitual de arte, como uma escultura viva. Não há fórmula para descrever seus trabalhos.

Dentre as temáticas trabalhadas, encontramos discussões sobre o tempo, seja pela passagem de um trem, uma cena acelerada ou a sombra de alguém que não está mais no local. A natureza também está muito presente, por meio de um relâmpago ou uma maré feitos de lâmpadas, uma mata que se movimenta com os efeitos de uma projeção ou um beija-flor que paira no ar sob o efeito da luz. Suas temáticas são muito humanas, naturais e orgânicas, mas aparecem representadas por elementos exatos e matemáticos.

A pesquisa tecnológica dos artistas se dá diariamente e, embora seja necessário o trabalho de parceiros, eles procuram se envolver em todo o processo de produção das obras, incluindo a aprender coisas novas com muita frequência.

Sobre o processo de criação de trabalhos que envolvem arte e tecnologia, a dupla diz que “não necessariamente o conceito vem antes da técnica”, já que “uma coisa não pode estar dissociada da outra”. Então, eles tentam alinhar essas duas vertentes do trabalho, acreditando que “a matéria também tem o potencial de trazer o conceito”.

Desdobramentos

O trabalho de Gisela Motta e Leandro Lima pode levar a pesquisas sobre:

- Arte e tecnologia, conhecendo artistas que exploraram a fundo essa relação;
- O Festival Internacional de Linguagem Eletrônica (FILE), que acontece anualmente em São Paulo.

Referências e fontes para pesquisa*

Página da galeria que representa a dupla de artistas: <http://galeriavermelho.com.br>

Outras páginas para pesquisa:

<http://www.aagua.net/MOTTA-LIMA>

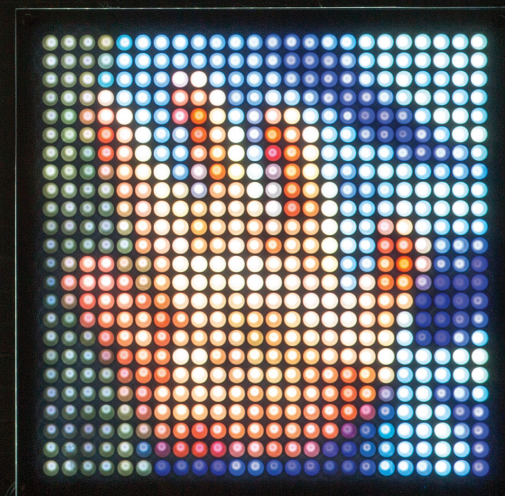
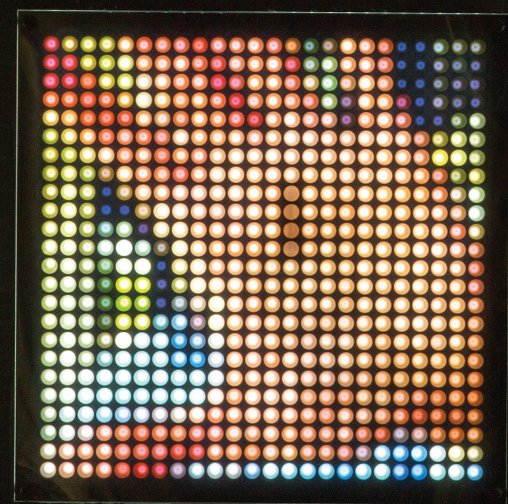
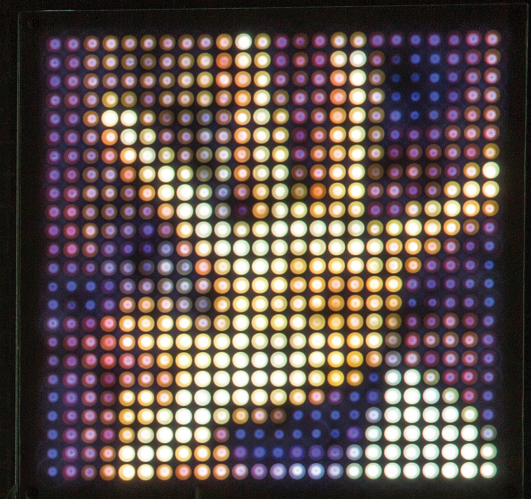
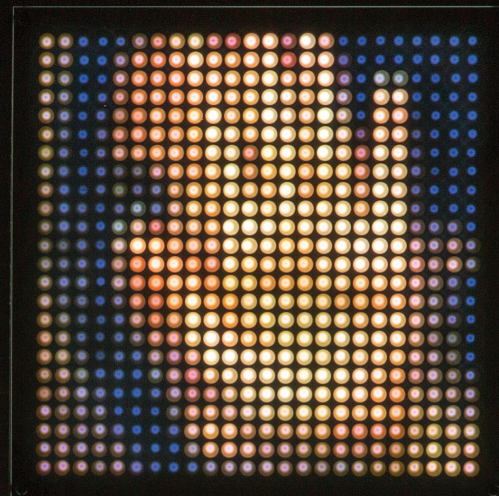
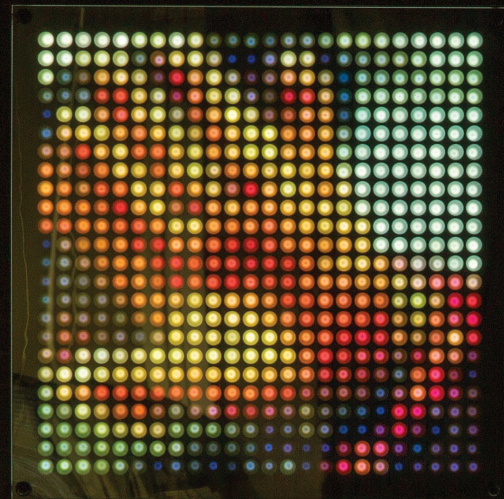
<http://brasileiros.com.br/2013/07/gisela-motta-e-leandro-lima>

Na página da Associação Cultural VideoBrasil (<http://site.videobrasil.org.br>), consultar dossiê de Gisela Motta e Leandro Lima.

Títulos de vídeos (disponíveis online):

- “Gisela Motta & Leandro Lima Perceive Life Through Interactive Art”;
- “Gisela Motta e Leandro Lima | Zero Hidrográfico | IFF”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



WALDOMIRO DE DEUS

Construção
Óleo sobre tela
88 x 160 cm
1969

WALDOMIRO DE DEUS Souza

(Itagibá, Bahia, 1944)

Waldomiro de Deus é uma figura emblemática no cenário da arte naïf brasileira. É considerado um dos grandes pintores primitivos de nosso país.

Teve uma infância difícil na Bahia e saiu de casa aos 12 anos, partiu para a região sudeste. Sua trajetória foi cheia de idas e vindas até encontrar-se como pintor. De Itagibá, foi primeiro a Minas Gerais, onde ficou por poucos anos; depois, foi para São Paulo, e chegou a dormir nas ruas do Brás. Mas, as oportunidades surgiram e o levaram a Osasco, onde trabalhou como engraxate. Não feliz com essa realidade, Waldomiro ainda tentou a vida em Mato Grosso, por poucos dias, mas logo desistiu e migrou novamente para o centro de São Paulo, onde seria descoberto como pintor. Waldomiro de Deus conseguiu um trabalho como jardineiro em um antiquário e lá teve acesso a tinta guache e cartolina, doados pelo patrão. O desejo de criar veio forte e, em pouco tempo, já tinha cerca de 40 pinturas. Isso, porém, lhe custou o emprego, o patrão o despediu alegando que o artista não conseguia conciliar sua produção com o ofício na jardinagem. A saída que encontrou foi vender as pinturas no Viaduto do Chá, lugar onde foi descoberto pelo jornalista Teodoro Nogueira, que o lançou para o mundo como pintor. Desde então, meados da década de 1960, Waldomiro tem vivido de sua arte.

De origem muito simples, sem estudos na área da arte, as pinturas de Waldomiro de Deus sempre tiveram como tema a religiosidade e a natureza, mas questões políticas, acontecimentos recentes, festas populares, lendas e histórias tradicionais também são tematizados, assim como frequentemente ocorre entre pintores naïf.

Para além da qualidade estética de suas obras, é bem interessante ouvir o artista contando sua própria trajetória em vídeos: é possível reconhecer a simplicidade de sua forma de pensar e se expressar, refletida em suas pinturas. Uma passagem curiosa de sua vida é quando, influenciado pelas tendências *hippie*, resolveu usar saia e andar pela Rua Augusta em São Paulo, no mesmo período em que pintou a imagem de Nossa Senhora de mini saia e de Jesus Cristo de bermuda e causou grande repercussão entre os mais conservadores.

Desdobramentos

O trabalho de Waldomiro de Deus pode levar a pesquisas sobre:

- Flávio de Carvalho e sua polêmica ao usar traje masculino com saia em uma atitude performática;
- Outros ícones da arte naïf brasileira, como José Antônio da Silva, Djanira e Heitor dos Prazeres.

Referências e fontes para pesquisa*

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Waldomiro de Deus”.

Na página do Museu Afro Brasil (<http://www.museuafrobrasil.org.br>), consultar sobre Waldomiro de Deus.

Títulos de vídeos (disponíveis online):

- “Depoimento de Waldomiro de Deus”;
- “Naifs de Deus – Waldomiro de Deus – Artista Plástico”;
- “PGM 287 – Antônio Abujamra entrevista o pintor Waldomiro de Deus”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



CLAUDIO TOZZI

Multidão

Óleo sobre tela

120 x 120 cm

1968

CLÁUDIO José TOZZI

(São Paulo, São Paulo, 1944)

Claudio Tozzi é de uma geração que iniciou sua produção em meio a um dos contextos políticos mais tensos do país: a década de 1960. Foi aluno da Escola de Aplicação da USP e entrou para a Faculdade de Arquitetura (FAU/ USP) em 1964 – ano do golpe militar – envolvendo-se com movimento estudantil. Tozzi levou desse momento histórico uma profunda influência para sua obra. Para o artista, “A arte é sempre uma atitude política”, que deve circular e estar próxima ao público. Possui obras de arte pública, no metrô Sé (SP) e na Praça da República (SP), entre outros espaços.

Com uma temática ácida, questionadora e provocativa, Claudio Tozzi diz que em meio à crise política que o grupo da Nova Figuração vivia, a pintura era uma arma, uma verdadeira metralhadora.

Muitas são as linguagens por ele exploradas: diversos suportes, pintura, fotocópia, super-8, polaroid. Trata-se de um artista gráfico, com toda a versatilidade que essa profissão requer. Ele fez uso de recortes de jornal em suas criações, sendo que em alguns momentos ele mesmo foi para as ruas fotografar acontecimentos. As imagens captadas eram manipuladas, artesanalmente, pois não havia ainda o recurso dos softwares que temos atualmente, o que o levou a explorar a retícula, as cores, as formas. Usou luminosos, ressignificou bandeiras, releu peças publicitárias e explorou a linguagem das Histórias em Quadrinhos. É nítida a influência dos artistas da Pop Art em seu trabalho, especialmente a de Roy Lichtenstein.

Desdobramentos

O trabalho de Cláudio Tozzi pode levar a pesquisas sobre:

- Pop Art, especialmente Roy Lichtenstein;
- As produções de Antônio Manuel e Paulo Bruscky, por seu caráter político;
- Arte Pública.

Referências e fontes para pesquisa*

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Cláudio Tozzi”.

Na página do Sesc (<http://www.sesc.com.br>), consultar sobre a exposição de Cláudio Tozzi “Canteiro de Obras”.

Títulos de vídeos (disponíveis online):

- “Cláudio Tozzi” (Programa Metrôpolis);
- “Cláudio Tozzi e os anos 60 – Opinião – Espaço Húmus”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



ALEX FLEMMING

*Sem título –
Série Paulistana*
Fotogravura
37,5 x 52 cm
1980

*Sem título –
Série Paulistana*
Fotogravura
52 x 37,5 cm
1980

*Sem título –
Série Paulistana*
Fotogravura
52 x 37,5 cm
1980

ALEX FLEMMING

(São Paulo, São Paulo, 1954)

Alex Flemming se considera um “artista clássico”, que pesquisa à exaustão, explora técnicas e as muitas possibilidades de uma linguagem. “Ser artista é quase como se fosse uma religião. É uma opção de vida”, diz ele que, desde a infância, tinha convicção sobre sua profissão. Nascido em São Paulo, filho de um piloto e de uma aeromoça, Flemming viajou muito e, há mais de 20 anos, mora na Alemanha. Estudou cinema na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP/SP) e teve Regina Silveira, Julio Plaza e Cristiano Mascaro como professores. O último lhe ensinou a fotografar e é com orgulho que Flemming diz que todas as imagens com que trabalha são fotografias de sua autoria, sem manipulação posterior do enquadramento, que se dá no instante em que a cena ou objeto foi fotografado.

Alex Flemming diversifica muito em suas produções e explora linguagem diferentes (fotografia, pintura, escultura, gravura) e suportes variados para as pinturas (sobre fotografias, móveis, roupas, tapetes), investigando questões de materialidade (já trabalhou até com animais empalhados).

A presença de textos é comum em suas obras. Um ícone de sua produção é a instalação que fez na estação Sumaré do metrô da cidade de São Paulo, na qual fotografou anônimos paulistanos e inseriu poemas e textos sobre suas imagens.

Atualmente, mesmo morando na Alemanha, Flemming viaja ao Brasil algumas vezes no ano e mantém uma casa e um ateliê no país, a fim de continuar valorizando sua nacionalidade. Para ele, sua obra é universal e não depende de ser produzida dentro ou fora dos limites do território nacional.

Desdobramentos

O trabalho de Alex Flemming pode levar a pesquisas sobre:

- Obras em espaços públicos, desde praças, canteiros, prédios públicos, até estações de ônibus e metrô;
- Obras de artes visuais que compõem imagens com letras e textos, desde a poesia concreta do Grupo Noigandres nos anos 1950/1960 até a produção contemporânea de Arnaldo Antunes.

Referências e fontes para pesquisa*

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Alex Flemming”.

Na página do Museu de Arte Contemporânea da USP/MAC-USP (<http://www.mac.usp.br>), consultar sobre Alex Flemming.

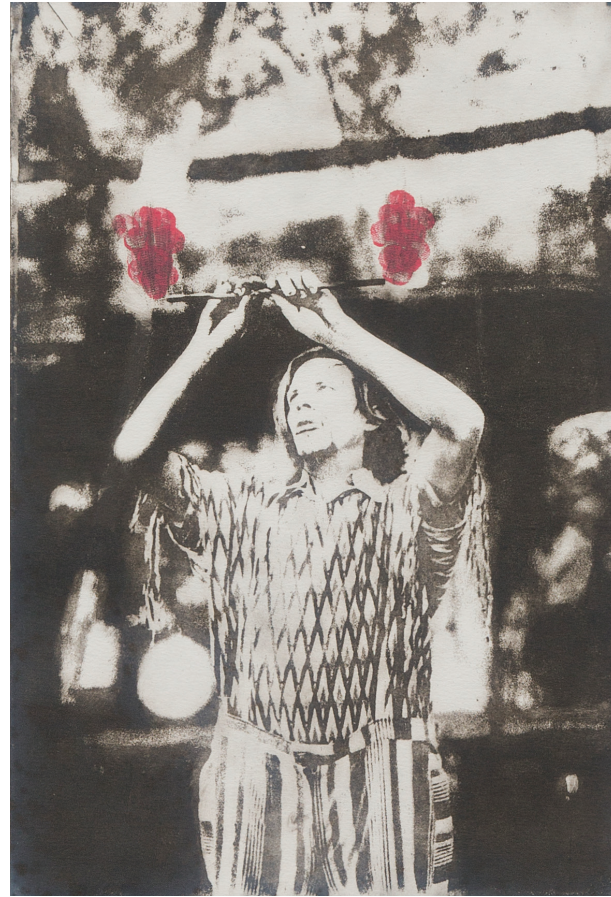
No portal de A Folha de São Paulo (<http://www.folha.uol.com.br>), consultar o título: “Alex Flemming comemora 40 anos de carreira com retrospectiva no MAC/USP Ibirapuera”.

No portal de Isto É (<http://istoe.com.br>), consultar o título: “Pintor Alex Flemming abre mostra no MAC com 120 obras de vários períodos”.

Outra página para pesquisa:

<http://brasileiros.com.br/2016/11/apos-18-anos-alexflemming-cria-novos-vitrais-em-sao-paulo>

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



CRISTIANO MASCARO

Toninho na Fazenda

Venerando

Fotografia

80 x 60 cm

1982

CRISTIANO Alckmin MASCARO

(Catanduva, São Paulo, 1944)

Fotógrafos também são artistas. Talvez não todos, mas aqueles que têm um olhar sensível para captar uma cena única, que outros não enxergariam. Assim é o olhar de Cristiano Mascaro, um dos mais importantes fotógrafos brasileiros.

Formado em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), ele leva para suas fotografias o olhar cuidadoso sobre as formas arquitetônicas das cidades. O início de seu trabalho com a câmera foi antes mesmo da universidade, quando trabalhou como repórter fotográfico para a Revista Veja. Nesse período, muito antes da facilidade de se ter um smartphone no bolso, ele precisava caminhar pela cidade acompanhado de sua câmera fotográfica, registrando tudo o que a cidade lhe oferecia. Assim, ele começou a sua trajetória de registro de locais e cenas da *terra da garoa*, transformando momentos cotidianos em instantes únicos e lugares ordinários em cenários fascinantes. Para ele, “O papel da fotografia é você tornar o banal, sensacional”. Ele caminha pela cidade e ela se encarrega de oferecer-lhe a circunstância para a foto.

Ele não costuma fotografar em estúdio e, quando faz retratos posados, é com o mínimo de interferência possível. O artista evita “manipular” demais uma cena, e reconhece que o olhar do fotógrafo é que “cria” a cena.

Fiel ao preto-e-branco, uma de suas mais fortes influências foi o trabalho do fotógrafo Henri Cartier-Bresson, que conheceu na universidade. Luz e sombra são os elementos mais marcantes de sua produção. Também tiveram papel importante em sua carreira outros dois grandes nomes da fotografia internacional: Sebastião Salgado e Maureen Basilliat.

Se, por um lado, o instante captado em suas fotos é único, preciso e exato, por outro, são imagens praticamente atemporais, repletas de um silêncio contemplativo e respeitoso.

Desdobramentos

O trabalho de Cristiano Mascaro pode levar a pesquisas sobre:

- As fotografias e o estilo de Henri Cartier-Bresson, ícone na história da fotografia no mundo;
- Os trabalhos de Sebastião Salgado e Maureen Bisilliat.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <http://www.cristianomascaro.com.br>

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Cristiano Mascaro”.

Na página da Universidade de São Paulo – USP (<http://www.usp.br>), consultar sobre Cristiano Mascaro.

Título de vídeo (disponíveis online):

- “Made by... Feito por Brasileiros: Cristiano Mascaro”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



MARCELO MOSCHETA

*Equalizador para
Horizontes Distantes –
Itatiaia*

Políptico

Impressão com tinta
pigmentada mineral e
colagem 65x 430 cm
2015

MARCELO Edmilson MOSCHETA

(São José do Rio Preto, São Paulo, 1976)

Marcelo Moscheta é um amante da natureza, mas não se trata de um amor ingênuo, e sim de uma fascinação que move sua criação e o inspira a produzir. A visão romântica de paisagem é colocada em cheque quando faz uso de instrumentos de registro e precisão para compor seus trabalhos. Moscheta alia um olhar de fotógrafo, cuidadoso, que busca ângulos específicos e esteticamente bem elaborados, à postura científica, de quem quer investigar e conhecer a fundo cada parte do local visitado.

O senso comum tende a entender o conceito de paisagem como sinônimo de natureza. Porém, para o artista, a natureza existe, está lá diante dos olhos, mas a paisagem é culturalmente construída, uma forma de representação humana. Um turista, ao chegar a um local fascinante, registra sua primeira impressão como desse tentasse captar a emoção que sente naquele momento. Moscheta faz uso do tempo, investiga, pesquisa e, questiona esse maravilhamento e assim vai a fundo na observação.

Filho de biólogo, o artista se interessou pela manipulação da matéria desde criança.

Estudou Artes Visuais na Universidade de Campinas e, desde então, viaja em busca de matéria prima para suas produções, em pequenas (para cidades vizinhas a sua) e grandes expedições (como para sua residência artística no Ártico).

O artista traz facetas científicas para sua produção, flertando com a geografia, a arqueologia e a geologia. Suas obras são registros cuidadosos dos locais por onde passou: ele cataloga, deixa suas marcas no ambiente, desenha rotas e traz para a cidade índices de seu trajeto: verdadeiros pedaços organizados e construídos de memórias.

Desdobramentos

O trabalho de Marcelo Moscheta pode levar a pesquisas sobre:

- Movimentos artísticos que exploram a relação entre arte e ambiente, como a land art;
- Artistas que trabalham com arte e ciência, como Eduardo Kac e Walmor Corrêa.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <http://www.marcelomoscheta.art.br>

Página da galeria que representa a dupla de artistas: <https://www.simgaleria.com/>

Na página do Sesc (<http://www.sesc.com.br>), consultar sobre Marcelo Moscheta.

Títulos de vídeos (disponíveis online):

- “O Cotidiano na Arte: o artista Marcelo Moscheta fala sobre sua obra”;
- “Norte. Marcelo Moscheta”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



PEDRO MOTTA

Sem título (#1 a #6) – série

Paisagem Suspensa

Fotografia

100 x 100 cm (cada
módulo)

2010 / 2012

PEDRO Luiz MOTTA Moura

(Belo Horizonte, Minas Gerais, 1977)

O que vemos nas fotografias de Pedro Motta é realidade ou ilusão? Imagens de elementos naturais, paisagens e formas orgânicas sofrem a interferência do artista, que sugere uma nova realidade ao espectador.

Imagens com rigor estético trazem o ponto de vista do fotógrafo, o que não poderia existir na natureza. A presença do ser-humano nem sempre está visível diretamente, como um personagem, mas está sempre lá, na paisagem, como um ser onipresente. E, assim, Pedro Motta sugere ao público uma reflexão sobre as possíveis relações entre o homem e a natureza.

Pedro nasceu em Belo Horizonte, onde morou por muito tempo. Hoje, mora em São João Del Rey, pequena cidade no interior de Minas Gerais. O artista se interessou por imagens desde pequeno, e sua pesquisa, que foi tão fortemente desenvolvida com a linguagem da fotografia, ganhou corpo: hoje estende-se para outras linguagens. A fotografia permanece, mas o artista passa a explorar outras formas de manipulação da imagem, para além do computador, usando recursos físicos e artesanais, fazendo as obras ganharem desenhos ou colagens de outros materiais após impressas. É a fotografia flertando com a escultura e o desenho.

Desdobramentos

O trabalho de Pedro Motta pode levar a pesquisas sobre:

- Artistas que pesquisam as possibilidades técnicas da fotografia, como Renan Cepeda;
- Obras de arte cujo foco central é a relação do homem com a natureza, como as de Antony Gormley.

Referências e fontes para pesquisa*

Página oficial do artista: <http://www.pedromotta.net/v1/pt>

Página da galeria que representa a dupla de artistas: <http://www.galerialuisastrina.com.br>

Outras páginas para pesquisa:

<http://www.premiopipa.com/pag/pedro-motta>

<http://olhave.com.br/2014/02/pedro-motta>

Na página do Público (<http://www.publico.pt/>), consultar o título: “Pedro Motta, a natureza e a manipulação da imagem recebem prêmio BESPhoto 2013”.

Na página do Uai (<http://www.uai.com.br>), consultar o título: “Pedro Motta traz ‘Estado da Natureza’ para a Casa da Fotografia de Minas”.

Título de vídeo (disponível online):

- Pedro Motta – Estado da Natureza [AGENDA]”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



HUDINILSON JR.

Intra-Narciso

Composição com
ampliações xerográficas

75 x 125 cm

2004

HUDINILSON Urbano JUNIOR

(São Paulo, São Paulo, 1957 – São Paulo, São Paulo, 2013)

No caso de Hudinilson, vida e obra estavam praticamente mescladas, inseparáveis. Sua veneração pelo corpo masculino, tão explorado em suas colagens, marcava presença também em todo o seu apartamento, em São Paulo (cidade onde nasceu, viveu e morreu). Com personalidade forte, segundo relatam amigos próximos, o artista vivia intensamente, explorando possibilidades e desafiando limites, tanto na arte quanto na vida.

Hudinilson começou seu percurso com a arte assistindo a filmes no Museu Lasar Segall. Chegou a cursar dois anos de Artes Plásticas na FAAP, mas não concluiu. Era um artista gráfico inquieto, que experimentou diversas linguagens ao longo da carreira. Fez desenho, pintura, gravura, arte postal, grafite e stencil, mas foi com as fotocópias que ficou mais conhecido. Na década de 1980, com a série *Exercícios de Me Ver*, explorou a relação de seu corpo com uma máquina de fotocopiar, como uma relação sexual que tivesse ficado registrada e exposta. Nesse trabalho, Hudinilson apresenta a máquina como co-criadora da obra. Em *Narcisse/Estudo para autorretrato (1984)*, o artista dá continuidade à pesquisa e exploração do próprio corpo.

É também importante lembrar que o artista fez parte do grupo 3nós3, que trabalhava com intervenção urbana. Um de seus trabalhos foi encapuzar esculturas públicas da cidade.

Hudinilson trabalhou como designer gráfico e foi um grande editor de imagens, tendo a colagem como uma produção recorrente. E, embora estivesse começando a ser reconhecido por suas obras internacionalmente, seu corpo – principal eixo temático de sua produção – não resistiu para colher esses frutos. Num trágico contraponto, depois de uma vida de muito consumo de bebidas alcoólicas, Hudinilson morreu aos 56 anos.

Desdobramentos

O trabalho de Hudinilson Jr. pode levar a pesquisas sobre:

- Artistas que exploraram o corpo masculino e a sexualidade em suas obras, como Robert Mapplethorpe;
- Artistas que usaram a fotocópia como linguagem artística, como Paulo Bruscky.

Referências e fontes para pesquisa*

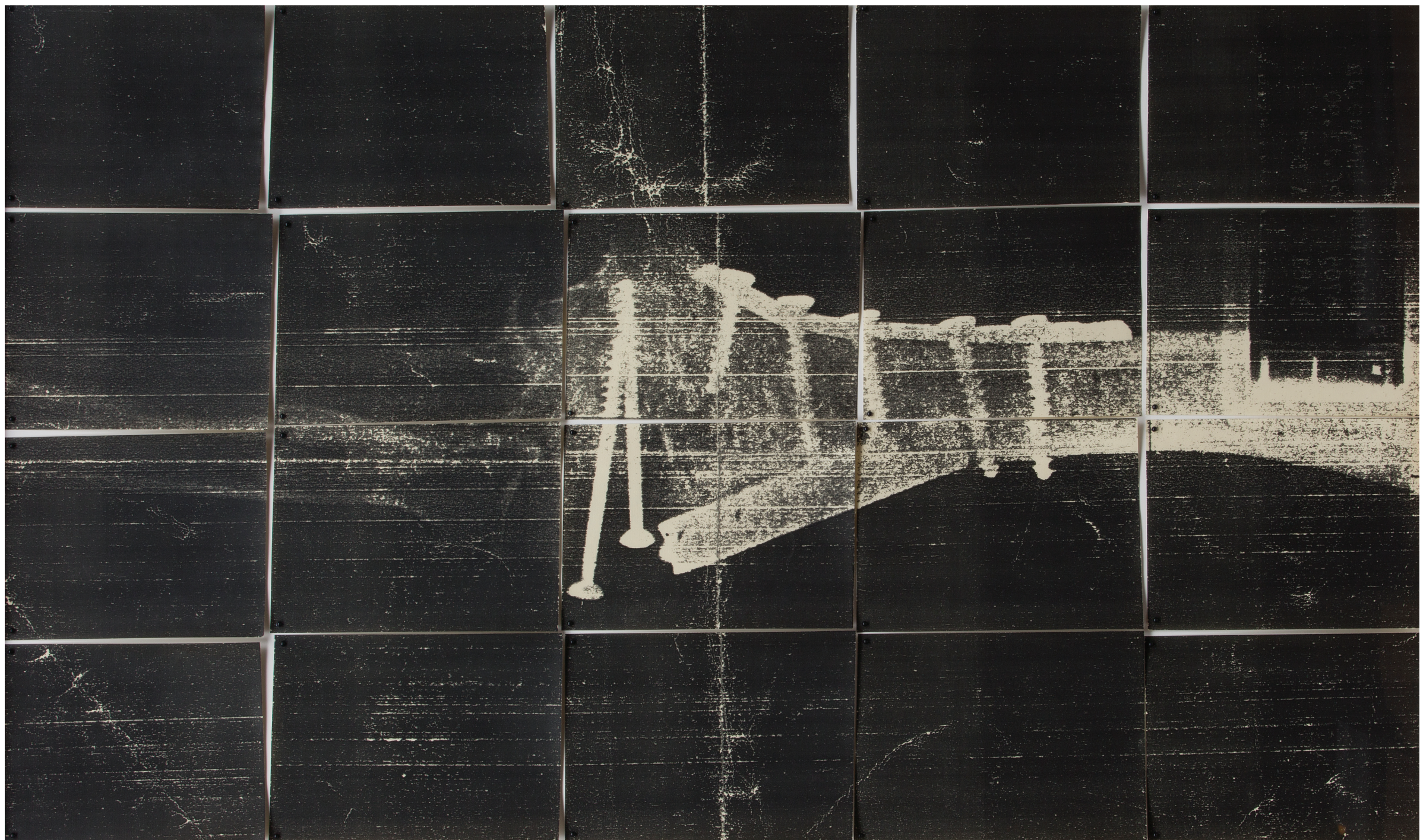
Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Hudinilson Jr.”.

No portal de A Folha de São Paulo (<http://www.folha.uol.com.br>), consultar os títulos: “Morre em São Paulo aos 56 anos o artista Plástico Hudinilson Jr., pioneiro das artes do corpo”; e “Livros e mostra analisam o universo sexomaniaco de Hudnildo Jr.”.

Título de vídeo (disponível online):

- “Hudnildo Jr. (2015) – Rumos Itaú Cultural 2013-2014”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.



PAULO BRUSCKY

Poema Linguístico
Impressões de língua
embebida em tinta para
carimbo sobre papel
89 x 67 cm
1992

PAULO Roberto Barbosa BRUSCKY

(Recife, Pernambuco, 1949)

“Não sou um artista. Sou um ser humano que produz arte”. Assim se apresenta Paulo Bruscky, um dos grandes artistas conceituais brasileiro. Diz isso para justificar como sua produção reflete o que ele vive e pensa sobre a vida. Com uma carreira independente nas artes, o artista não foi representado por nenhuma galeria por anos e sempre fez sua produção circular para além do mercado de arte. Pioneiro na arte postal, se correspondeu com grandes artistas brasileiros e estrangeiros, como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Yoko Ono, Keith Haring e outros.

O potencial dos trabalhos de Paulo Bruscky é a ideia. Indo além da estética (se é belo ou não), suas obras surgem para provocar, para instigar, para questionar. Como outras produções de arte conceitual, a crítica à sociedade é algo que está fortemente presente. De certa maneira, provoca a arte institucional com uma produção que nem sempre é facilmente encaixada nos estilos de arte, gerando até mesmo dúvidas nos momentos de catalogação.

Pernambucano nascido em Recife, Paulos Bruscky é filho de fotógrafo e, desde muito jovem, esteve em contato com a arte, especialmente com a música erudita e com a leitura de grandes filósofos.

Investigador de mídias diversas, o artista trabalha com fotocópia, fax, carimbo, *artedoor*, vídeo arte, artes gráficas e edição de livros. Ele reconhece que cada trabalho exige uma mídia específica e descobrir isso requer pesquisa.

Sua relação com a pesquisa é um capítulo à parte em sua trajetória. Paulo Bruscky é um grande pesquisador, arquivista e colecionador de materiais de arte e possui o maior acervo de obras do Grupo Fluxus e do grupo Gutai da América Latina. Seu acervo é tão singular que, na Bienal de Arte de 2004, ele ganhou uma sala especial: uma recriação fiel de seu ateliê em Recife.

Desdobramentos

O trabalho de Paulo Bruscky pode levar a pesquisas sobre:

- Arte conceitual;
- Grupo Fluxus;
- Instituições artístico-culturais e o mercado da arte.

Referências e fontes para pesquisa*

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>), consultar o verbete: “Paulo Bruscky”.

No portal de O Globo (<https://www.oglobo.globo.com>), consultar o título: “O pernambucano Paulo Bruscky mostra boa parte de seu acervo no Rio”.

Na página de Casa Vogue (<http://casavogue.globo.com>), consultar o título: “Paulo Bruscky ontem, hoje e amanhã”.

Títulos de vídeos (disponíveis online):

- “Grandes Personagens Brasileiros – Paulo Bruscky”;
- “Paulo Bruscky – Descobrir a ideia”.

* As páginas e vídeos em questão foram consultados em março de 2017.

PERFORMANCE
POEMA
LINGÜÍSTICO

1972
1974